

CHARLES BAUDELAIRE E A BELEZA DA VIDA MODERNA

Vanine Borges Amaral

Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Alagoas



Le moulin de la galette, 1876.

Ao lançarmos um olhar sobre a modernidade e a vida burguesa no século XIX, somos levados a Paris da era industrial. E, inevitavelmente, nos deparamos com Charles Baudelaire, poeta e crítico de seu tempo, formador de uma consciência da vida e da arte modernas. Um pensador fundamental para a compreensão das transformações e dos costumes de sua época e das repercussões destes na contemporaneidade.

Analisado por muitos estudiosos da modernidade, Baudelaire é considerado por Berman (1986), como o primeiro modernista, por ter sido capaz de absorver e retratar em seus escritos a essência do homem moderno, tanto no aspecto material quanto no espiritual.

Berman aponta que Baudelaire teve ao longo de sua vida diversas visões sobre a vida moderna. Visões não necessariamente contraditórias entre si, e sim complementares. Por um lado, possui uma visão apaixonada e enaltecadora da classe burguesa, acreditando que esta detinha um propósito

universalizante dos benefícios do progresso e da industrialização nas esferas políticas e culturais. Acima da preocupação de ganhar cada vez mais dinheiro, Baudelaire acreditava que a burguesia tinha o papel de trabalhar em prol da emancipação humana. Seria este então, um progresso espiritual. Por outro lado, Baudelaire critica veementemente a idéia de progresso que realmente se disseminou com o avanço do capitalismo, ou seja, o progresso material, da luz, do vapor, da máquina.

A sensibilidade de Baudelaire permitia que este captasse não apenas os avanços econômicos proporcionados pela modernidade, mas, principalmente, as promessas de libertação e autonomia do homem, ideais iluministas que compunham a base de todo o pensamento moderno. É possível comprovarmos este fato ao lermos na obra de Benjamin (1989) uma passagem de uma carta de Baudelaire à sua mãe, demonstrando as condições miseráveis em se encontrava durante a sua vida de literato:

Estou a tal ponto habituado a sofrimentos físicos, sei tão bem contentar-me com umas calças rotas, com duas camisas apenas, tenho tanta prática em encher os sapatos furados com palha ou mesmo com papel, que quase só sinto os padecimentos morais. Todavia devo confessar que agora estou a ponto de não mais fazer movimentos bruscos, de não caminhar muito, por medo de dilacerar ainda mais as minhas coisas.

(BAUDELAIRE, 1926 apud BENJAMIN 1989, p.71-72.)

Para nós, chega mesmo a ser difícil imaginar como um homem de tão poucas posses poderia ser capaz de compreender as autenticidades da vida moderna, tal a complexa associação existente entre esta e o progresso econômico que o avanço do capitalismo, intrínseco à modernidade é capaz de proporcionar¹. Daí, Baudelaire ser visto por Benjamin como “um lírico no auge do capitalismo”.

Em seu ensaio “Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna”, escrito entre 1859 e 1860, Baudelaire reflete sobre a sociedade burguesa em meados do século XIX, a partir dos temas pintados por Constantin Guys, desenhista, aquarelista e gravador. Este pintava o momentâneo, o fugidio, a efemeridade de seu tempo. E para Baudelaire, era exatamente isto que podia se chamar de modernidade, “a beleza passageira e fugaz da vida presente” (BAUDELAIRE, 1996.). É a modernidade “a metade da arte, sendo a outra metade o eterno, o imutável” (ibid). Era justamente esta transitoriedade que o artista deveria captar. Somente buscando a beleza da vida humana no momento presente, é que seria possível compreender a modernidade e retratá-la por meio da arte, fazendo com que esta fosse digna de ser apreciada enquanto tal.

Para Baudelaire, a modernidade poderia tornar-se antiguidade se fosse fiel aos costumes de sua época. Assim como hoje contemplamos a arte antiga e dela absorvamos o caráter do seu passado específico, com seus gestos, vestimentas, equipamentos e técnicas peculiares, a arte moderna deveria debruçar-se sobre o presente, harmonizando-se com ele, detendo-se no circunstancial. O passado deveria ser valorizado pelo seu valor histórico e estudado como referência, apenas com a finalidade de se apreender o método e a técnica artística aplicados, e não de ser transformado em um estoque de elementos que podiam ser copiados indefinidamente nas manifestações do presente.

Dessa maneira, Baudelaire passa a analisar os temas constituintes da modernidade, passíveis de serem retratados pela então arte moderna. Tratemos de alguns destes temas.

O escritor fala sobre o homem das multidões na capital parisiense. É este o flaneur, que se sente à vontade em meio à massa. Estando incógnito, percorre as galerias e, curioso, observa lenta e minuciosamente as vitrines, os cafés, as pessoas, a cidade e seu movimento ondulante sob a luz dos lâmpões à gás. A passo de tartaruga², o flaneur procura a beleza na multidão, na vida universal, sendo chamado também por Baudelaire de “homem do mundo”, de uma sociedade cosmopolita.

Benjamin (1989) alerta para o fato de que o homem das multidões dito flaneur não é o mesmo

homem das multidões que aparece com o desenvolvimento da sociedade industrial. Este homem seria um sucessor do flaneur, o trabalhador operário que anda apressado conduzido pelo acelerado movimento da produção material. A massa é assim transformada em uma multidão não atenta, mas confusa, lançando olhares para todos os lados sem nada realmente olhar.

Nas galerias o flaneur e os pedestres em geral encontram refúgio dos veículos, outro tema freqüente da vida moderna, da vida civilizada. Carruagens de diversos modelos transitavam pelos amplos bulevares de Paris, num movimento e velocidade que encantam a Baudelaire e que, segundo ele, enchem de prazer o olhar do artista moderno.

Os bulevares, assim como as galerias, foram cenários para as reflexões e análises de Baudelaire. O escritor foi contemporâneo de Haussmann, prefeito de Paris na época de Napoleão III. Haussmann foi responsável pelo projeto de modernização parisiense, sendo os bulevares “uma parte do amplo sistema de planejamento urbano, que incluía mercados centrais, pontes, esgotos, fornecimento de água, a Ópera e outros monumentos culturais, uma grande rede de parques” (BERMAN, 1986).

Segundo Berman (1986), a pedido de Napoleão III e a contragosto de Haussmann, os bulevares foram pavimentados com macadame, superfície ideal para o tráfego de cavalos, mas que “eram poeirentos no verão e ficavam enlameados com a chuva e a neve” (ibid.). Dessa forma, era impossível andar a pé nos bulevares, obtendo-se uma separação entre os pedestres e os veículos. Originou-se a lógica do tráfego moderno, conduta ainda presente nas cidades contemporâneas.

Se Baudelaire inicialmente elogiava os veículos, como no ensaio “Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna”, em seus últimos trabalhos literários demonstra a negação da escala e velocidade do homem submetido ao célere tráfego da cidade moderna:

Meu amigo, você sabe como me aterrorizam os cavalos e os veículos? Bem, agora mesmo eu cruzava o bulevar, com muita pressa, chapinhando na lama, em meio ao caos, com a morte galopando na minha direção, de todos os lados (...)³.

(BAUDELAIRE, 1865 apud BERMAN, 1986)

Berman aponta ainda outro lado contraditório da modernidade. Os empreendimentos modernizadores substituem os pobres bairros medievais. No entanto, não é previsto um lugar para a sua população. Os miseráveis, antes segregados na cidade medieval, longe da visão da elite, são então exibidos, manifestando a divisão de classes sociais sempre existente, mas agora evidente na cidade moderna. A população pobre habita não as amplas calçadas dos cafés e monumentos, mas as sarjetas, e, passa a ser tema dos últimos poemas de Baudelaire, como o poema em prosa intitulado “Os olhos dos Pobres” de 1864.

Contrapondo-se aos miseráveis em farrapos, aparece a figura do dândi, um homem rico e ocioso da aristocracia, cuja riqueza advém geralmente de heranças. O único trabalho do dândi é desfrutar do luxo e das paixões. Aprecia o frívolo e a indumentária



elegante, mas não pela frivolidade em si, mas pela superioridade que ela representa. Era porque possuía tempo e dinheiro que o dândi podia se dedicar ao amor e a beleza, esquecendo-se ou ignorando os percalços enfrentados pela classe operária trabalhadora. Esta não tinha tempo para o ócio, trabalhava em difíceis condições para obter o seu sustento e o amor não passava de simples fantasia. Fantasia que segundo Baudelaire, sem o tempo e o dinheiro era apenas devaneio e dificilmente seria traduzida em ação.

Baudelaire acreditava que a natureza por si só não traz nenhuma virtude. É através da filosofia, da

religião e da moral que o homem justifica e pratica o bem. Para o escritor “tudo quanto é belo e nobre é resultado da razão e do cálculo” (BAUDELAIRE, 1996). Daí a justificativa para os benefícios que o dinheiro oferece e o uso de aparatos artificiais, adereços e indumentária da moda capazes de embelezar o natural.

A moda deve ser considerada, pois, como um sintoma do gosto pelo ideal que flutua no cérebro humano acima de tudo o que a vida natural nele acumula de grosseiro, terrestre e imundo, como uma deformação sublime da natureza, ou melhor, como uma tentativa permanente e sucessiva de correção da natureza.

(*ibid.*)

A mulher aparece aqui como importante usuária da moda e personagem da vida galante. Divinizada pelos artistas, a mulher da vida moderna aparecia sempre associada aos seus adornos, jóias, maquiagem e vestimentas. Estes adereços eram tão importantes quanto os gestos e porte femininos. Tinham o objetivo de despertar admiração e tornar bela a mulher, mas também, diferenciavam o meio ao qual as mulheres pertenciam. Baudelaire afirma que o pintor Guys, na busca de explicar a beleza da modernidade, retratava nos salões, nos teatros, nos cafés, nos jardins e passeios públicos, desde mulheres da alta sociedade até cortesãs, todas diferenciadas pela indumentária que utilizavam.

Baudelaire buscou compreender a modernidade e traçar um perfil estético de seu tempo. Encontrou seus temas no presente. Escreveu a novidade e a originalidade, a riqueza e a pobreza. Retratou a vida universal com todas as contradições que a vida moderna lhe impõe. Procurou entender um mundo em acelerada transformação, sempre em busca da beleza que esta época poderia oferecer. A industrialização e o progresso capitalistas proporcionaram novas condições de beleza. Caberia então, ao homem moderno identificá-la, captando “o eterno no transitório” (*ibid.*), características que encontramos ainda hoje nas atuais formas de arte, na fotografia, no cinema e mais recentemente nos happenings e nas performances.

Notas:

1- O caso de Baudelaire é semelhante ao de um outro importante crítico da modernidade, Karl Marx. Filósofo que se tornou referência para o entendimento da lógica capitalista, e conseqüentemente do capital. Mas, que ironicamente, vivia também em condições de pobreza, e para poder desenvolver seus estudos e tratados tinha de ser sustentado por seu amigo, Engels.

2- Benjamin (1989) aponta que por volta de 1840 era de bom-tom passear pelas galerias levando tartarugas. Assim, o flâneur deixava-se conduzir por elas, em seu ritmo lento e despreocupado, caminhando literalmente “a passo de tartaruga”.

3- Trecho do poema intitulado “A perda do Halo” publicado postumamente.

4- Sobre este poema conferir análise de Berman (1986), capítulo III.

Referências bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1ªed. Obras Escolhidas; v. 3. São Paulo: brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.